

ESCOLA DE GUERRA NAVAL

CC (FN) MAURILO DE SOUZA VILAS BOAS

A GUERRA DO AFGANISTÃO:

O estudo da campanha centrada em Forças de Operações Especiais do ponto de vista da
Teoria das Interações Estratégicas.

Rio de Janeiro

2015

CC (FN) MAURILO DE SOUZA VILAS BOAS

A GUERRA DO AFGANISTÃO:

O estudo da campanha centrada em Forças de Operações Especiais do ponto de vista da
Teoria das Interações Estratégicas.

Monografia apresentada à Escola de Guerra
Naval, como requisito parcial para conclusão do
Curso de Estado-Maior para Oficiais Superiores.

Orientador: CF (RM1) Ohara Barbosa Nagashima

Rio de Janeiro
Escola de Guerra Naval
2015

RESUMO

O fenômeno de grandes Estados sendo derrotados por oponentes mais fracos não representa nenhuma novidade para os estudos militares. Porém, uma pergunta continua na busca por respostas convincentes: por que Estados esmagadoramente mais dotados de todas as ordens de recursos perdem suas contendas para Estados muito mais fracos? Esta pesquisa vai ao encontro daqueles que buscam estas respostas, tendo como propósito responder à seguinte pergunta: o emprego das Forças de Operações Especiais (FOpEsp), na Guerra do Afeganistão, no período de 2001 a 2002, transcorreu de acordo com o modelo teórico de Arreguin-Toft, no que diz respeito aos resultados da *interação estratégica* entre as forças antagônicas? Respondendo a questão conseguiremos validar a teoria para o estudo e aplicação na realidade selecionada para a pesquisa. E disso podemos tirar a relevância da pesquisa que, acreditamos, tenha o potencial de auxiliar no rearranjo das tarefas e capacitações das FOpEsp da Marinha do Brasil (MB). Usando o apoio da teoria das interações estratégicas confrontamos o emprego das FOpEsp, no conflito e período selecionados, e constatamos que o referido emprego das forças militares não observou o resultado previsto na modelagem teórica, tendo o ator forte, no caso as forças norte-americanas, vencido as forças oponentes. Concluímos ao final a validade do modelo teórico apresentado e a importância desta teoria para a aplicação nos conflitos irregulares. Além disso, constatamos a importância das FOpEsp na guerra irregular, permitindo classificar a campanha militar no Afeganistão, no período selecionado, como uma campanha centrada em FOpEsp e, possivelmente, tendo estabelecido a fundação de uma força capaz de enfrentar, de forma eficiente e eficaz, inimigos irregulares.

Palavras-chave: Guerra Irregular. Teoria. Guerra do Afeganistão. Forças de Operações Especiais.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

- Figura 1 – Elementos das FOpEsp utilizando os mesmos meios de locomoção dos combatentes da Aliança do Norte.....50
- Figura 2 – Localização das montanhas de Tora Bora e as áreas sob controle da Aliança do Norte e do Talibã.....50
- Figura 3 – Complexo de cavernas nas montanhas de Tora Bora utilizadas pelo Talibã e pela Al Qaeda51
- Figura 4 – Elementos das FOpEsp guiando o apoio de fogo aéreo sobre as posições talibãs.....51

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	6
2	O MODELO TEÓRICO DE ARREGUÍN-TOFT.....	8
2.1	Definições.....	9
2.2	A tese da <i>interação estratégica</i>	12
2.3	As hipóteses principais: a <i>interação estratégica</i> e os resultados dos conflitos.....	14
2.3.1	Ofensiva direta versus defesa direta.....	14
2.3.2	Ofensiva direta versus defesa indireta.....	14
2.3.3	Ofensiva indireta versus defesa direta.....	15
2.3.4	Ofensiva indireta versus defesa indireta.....	16
2.4	Teste quantitativo da teoria da <i>interação estratégica</i>	18
2.5	Teste do argumento alternativo.....	19
2.6	A <i>estratégia da interação</i> e as tendências de longo prazo.....	20
2.7	Conclusões parciais.....	21
3	A GUERRA DO AFGANISTÃO DE 2001 ATÉ 2002 E A CAMPANHA CENTRADA EM FORÇAS DE OPERAÇÕES ESPECIAIS.....	22
3.1	A Guerra do Afeganistão e uma possível mudança no modo de guerra norte- americano.....	24
3.2	Forças de Operações Especiais e a revisão da estratégia militar norte-americana voltada para a guerra irregular no período pós Guerra Fria.....	26
3.3	A Operação Liberdade Duradoura no período de 2001 a 2002.....	29
3.4	O emprego das FOpEsp na Operação Liberdade Duradoura.....	32
3.5	Contraponto ao sucesso do “novo” modo de guerra norte-americano.....	35
3.6	Conclusões parciais.....	36
4	CONCLUSÃO.....	38
	REFERÊNCIAS.....	41
	ANEXO A – Resultados esperados da <i>interação estratégica</i> nos resultados dos conflitos.....	43

ANEXO B – <i>Interações estratégicas</i> e os resultados dos conflitos irregulares no período de 1800 a 2003.....	44
ANEXO C – <i>Interações estratégicas</i> e os resultados dos conflitos irregulares no período de 1800 a 2003 quando o ator fraco recebeu suporte externo.....	45
ANEXO D – Percentual de vitória nos conflitos irregulares desde o ano de 1800.....	46
ANEXO E – Evolução no percentual de emprego da <i>estratégia de abordagem oposta</i> desde o ano de 1800.....	47
ANEXO F – Percentual das vitórias nos conflitos irregulares por tipo de ator entre 1800 e 2003.....	48
ANEXO G – As Fases da guerra irregular na Guerra do Afeganistão de 2001 até março de 2002.....	49

1 INTRODUÇÃO

As emblemáticas imagens de helicópteros pairando sobre a laje da Embaixada dos Estados Unidos da América (EUA) no Vietnã marcaram indelevelmente a perplexidade da derrota de uma superpotência perante um oponente muito mais fraco. No entanto, o fenômeno de grandes Estados sendo derrotados por oponentes mais fracos não traz nenhum ineditismo. De fato, a história está repleta de casos similares: as Guerras Holandesas no Brasil (1624-1654); a Guerra de Independência em Angola (1961-1974); a invasão soviética no Afeganistão (1979-1989); dentre outras. Diferenças entre os poderes combatentes, em termos de suas capacidades militares, nível de tecnologia e poder econômico estão entre os fatores que afetaram suas respectivas chances de vitória. Mas, além das esmagadoras assimetrias de recursos que permeiam os antagonistas envolvidos em alguns conflitos irregulares, a dúvida ainda persiste: como atores fracos vencem os mais fortes? Alguma explicação plausível para essa realidade continua a suscitar a busca por respostas entre diversos estrategistas do poder militar e estudiosos do assunto.

A fim de tentar nos juntar àqueles que buscam respostas para essa realidade complexa e contraditória estudaremos a teoria das *interações estratégicas*, que traz um modelo probabilístico de interesse para o escopo desta pesquisa. Tal modelo não encerra uma resposta definitiva às nossas indagações, porém lança uma luz coerente sobre algumas penumbras que envolvem os conflitos irregulares. Com o intuito de utilizar o modelo teórico, dentro do contexto de uma guerra irregular, e, da análise, retirar algumas conclusões que possam ser de interesse da Marinha do Brasil, a pesquisa buscará responder à seguinte pergunta: o emprego das FOpEsp, na Guerra do Afeganistão, no período de 2001 a 2002, transcorreu de acordo com o modelo teórico de Arreguin-Toft, no que diz respeito aos resultados da *interação estratégica* entre as forças antagônicas? Respondendo a questão

conseguiremos validar a teoria para o estudo e aplicação nos dias atuais, dentro do contexto dos conflitos irregulares. E disso poderemos tirar a relevância da pesquisa que, acreditamos, tenha o potencial de auxiliar no rearranjo das tarefas e capacitações das FOpEsp da MB.

Para respondermos as questões propostas conduziremos uma pesquisa que confrontará o modelo teórico escolhido com uma realidade específica. Buscaremos, dessa forma, as respostas para a questão proposta pela pesquisa por meio de material bibliográfico selecionado, permitindo que a teoria selecionada possa ser confrontada com a realidade escolhida. O cruzamento dessas informações nos permitirá identificar a validade da teoria e se esta, efetivamente, contribuiu para o resultado final alcançado.

A pesquisa será apresentada neste trabalho em dois capítulos de desenvolvimento. O primeiro apresentará o modelo teórico das *interações estratégicas* formulado por Arreguin-Toft. Constataremos que, em adição à disponibilidade de recursos de cada ator, a probabilidade de sucesso na guerra irregular depende da interação entre as *estratégias* adotadas pelos contendores.

No segundo capítulo analisaremos o emprego das Forças de Operações Especiais norte-americanas na segunda fase da Guerra do Afeganistão e concluiremos se o emprego seguiu o resultado esperado da *interação estratégica* entre os antagonistas, conforme o modelo teórico utilizado, ou não.

Finalmente, apresentaremos as conclusões e indicaremos linhas de investigação futura, a fim de ampliar a pesquisa das outras variáveis que não foram abordadas na presente pesquisa. Indicaremos também a importância do assunto dentro da Marinha do Brasil, especialmente no que tange à formação, preparo e emprego das suas FOpEsp.

Dando início ao desenvolvimento da pesquisa passaremos ao estudo do modelo teórico das interações estratégicas e seu arcabouço conceitual.

2 O MODELO TEÓRICO DE ARREGUÍN-TOFT

A sabedoria convencional relativa ao resultado dos conflitos é geralmente derivada das comparações que tratam das forças armadas disponíveis para emprego, capacidade econômica, população mobilizável, dentre outros recursos. Em geral, o ator¹ com a maior quantidade desses recursos é esperado que seja o vencedor da contenda e que a vença na mesma proporção da sua vantagem de poder. Essa sabedoria convencional mostra-se problemática, no entanto, porque deixa o resultado de muitos conflitos sem explicação.

O modelo teórico escolhido para esta pesquisa torna-se bastante útil uma vez que tenta trazer uma previsão probabilística coerente que explique o porquê da relação entre o poder dos Estados e o resultado dos conflitos irregulares em que estes se envolvem. Evidencia que os resultados destes conflitos nem sempre correspondem à previsibilidade de vitória dos atores fortes na mesma proporção da sua vantagem de poder. Constataremos que, em adição à disponibilidade de recursos de cada ator, a probabilidade de sucesso na guerra irregular² depende da interação entre as *estratégias*³ adotadas pelos contendores.

Assim, a essência da tese da *interação estratégica*, defendida por Ivan Arreguín-Toft, é que existem, basicamente, dois padrões de *interação estratégica*: a abordagem direta e a abordagem indireta. O resultado do conflito irregular dependerá de qual dos dois tipos ideais

¹ Atores neste contexto significam Estados ou coalizão de Estados, embora a mesma dinâmica possa ser aplicada a governos, forças rebeldes ou grupos étnicos em guerras civis. Conflitos nesta análise significam guerras (1000 mortos em ação por ano), embora novamente, dinâmicas similares possam ser aplicadas em conflitos que não são guerras, tais como o terrorismo. Como a análise do modelo teórico foca na assimetria envolvida nos conflitos irregulares foram excluídas as guerras nas quais a razão das forças mudou em direção à simetria entre o início e término do conflito (ARREGUÍN-TOFT, 2005).

² Conflito armado executado por forças não-regulares ou por forças regulares empregadas fora dos padrões normais da guerra regular, contra um governo estabelecido ou um poder de ocupação, com o emprego de ações típicas da guerra de guerrilhas. Divide-se em guerra insurrecional e revolucionária (MD35-G-01).

³ Tradução direta dos termos ingleses empregados pelo autor da teoria: *strategy*, *strategic interaction*, *strategic approach*, *direct approach strategy* e *opposite approach strategy*. Esses termos, em português, estão grafados em itálico para não haver conflitos de interpretação com as definições clássicas de estratégia.

de interação padrão serão confrontados. Se o ator forte e o fraco utilizarem as *estratégias de mesma abordagem* (direta contra direta ou indireta contra indireta), o ator mais forte deve vencer de acordo com o que prevê a sabedoria convencional. Se, no entanto, o ator forte e o fraco empregarem *estratégias de abordagem oposta* (direta contra indireta ou indireta contra direta), o ator mais fraco tem uma probabilidade de vencer muito maior que o ator forte, indo assim de encontro à convenção. Assim, a abordagem utilizada tenderá a determinar a probabilidade de o ator forte vencer ou perder.

Neste capítulo será desenvolvido um estudo acerca do modelo teórico das *interações estratégicas*, contemplando as definições necessárias para o estabelecimento do embasamento que permitirá o prosseguimento do trabalho. Serão, inicialmente, apresentadas algumas definições julgadas de interesse. Em seguida, examinaremos a tese da *interação estratégica* e as hipóteses principais de interesse da pesquisa. Veremos, posteriormente, o teste quantitativo da teoria de *interação estratégica* seguido do teste do argumento alternativo e as tendências de longo prazo das *interações estratégicas* e, por fim, apresentaremos as conclusões parciais do capítulo.

Trataremos, a seguir, das definições necessárias ao entendimento global da teoria.

2.1 Definições

A estratégia militar passa a ser definida nesta pesquisa como o plano de emprego das Forças Armadas (FA) para a consecução dos objetivos políticos do Estado. Dentro dessa estratégia duas tipologias são adotadas para ponto de partida da construção teórica: a estratégia ofensiva (adotada pelo ator forte), abarcando o ataque convencional e a barbárie, e a estratégia defensiva (adotada pelo ator fraco), englobando a defesa convencional e a estratégia

da guerra de guerrilhas. Na análise foi assumido que os atores fortes iniciam os conflitos irregulares e que a tipologia das estratégias não contempla a solução pacífica dos conflitos (ARREGUIN-TOFT, 2005).

O ataque convencional significa o emprego das FA para capturar ou destruir as Forças Armadas adversárias, bem como o controle dos recursos dos oponentes (população, território, cidades, indústrias vitais, centros de comunicações etc.). Tem como propósito vencer a guerra em um combate decisivo ou por meio de uma série de engajamentos visando à destruição da capacidade física de resistir do adversário. Para efeitos desta pesquisa, essa forma de emprego passa a ser chamada de ofensiva direta (ARREGUIN-TOFT, 2005).

A barbárie é o sistemático ou deliberado dano provocado aos não-combatentes (NC) para a consecução de um objetivo político ou militar. Ao contrário das outras estratégias, a barbárie vem sendo utilizada para atingir tanto a vontade, como a capacidade de lutar do inimigo. Historicamente, as formas mais comuns de barbárie são o assassinato de NC, campos de concentração e, desde 1939, bombardeios aéreos estratégicos contra alvos de pouco ou nenhum valor militar⁴. Além dessas formas de emprego, são também classificados como barbárie campanhas de estupros indiscriminados, emprego de artefatos químicos, bacteriológicos e radiológicos, bem como a imposição de sanções econômicas e o emprego de Forças de Operações Especiais⁵, principalmente nas ações indiretas⁶. Para esta pesquisa, a

⁴ Conforme argumento de PAPE (1996, p. 260-262) uma campanha de bombardeio estratégico que visa os não-combatentes pode ser classificada como barbárie. Quando o bombardeio aéreo visa atingir as forças oponentes do adversário este pode ser classificado como estratégia de ataque. Ataques contra os recursos do adversário são problemáticos nesse aspecto visto que os não-combatentes apesar de não serem os alvos principais, serão atingidos da mesma forma.

⁵ As FOPEsp são aquelas especialmente organizadas, selecionadas, treinadas e equipadas para a condução de Operações Especiais visando à consecução de objetivos militares, políticos, econômicos e informacionais, normalmente por meios não convencionais, em áreas politicamente sensíveis, negadas ou hostis (PINHEIRO, 2010).

⁶ As Ações Indiretas visam incrementar as capacitações das forças integrantes das organizações opositoras por meio de treinamento, equipamento, transferência de tecnologia, e apoio operacional. Inclui os esforços para dissuadir os apoios tácitos e ativos às organizações extremistas nos ambientes em que o governo está

barbárie passa a ser chamada de ofensiva indireta (ARREGUIN-TOFT, 2005).

A defesa convencional tem como propósito o emprego das FA para repelir as tentativas do inimigo de capturar ou destruir os meios e recursos estratégicos. Tal como a estratégia do ataque convencional, a defesa convencional tem seu foco nas FA do oponente e tem como principais exemplos de ações táticas: a defesa estática, a defesa em profundidade e a defesa móvel. Para esta pesquisa, a referida forma de emprego passa a ser chamada de defesa direta (ARREGUIN-TOFT, 2005).

A estratégia da guerra de guerrilha (EGG) é a organização de uma porção da sociedade com o propósito de impor custos a um adversário que utiliza forças convencionais treinadas, normalmente buscando evitar confrontações diretas⁷. Esses custos incluem a perda de soldados, suprimentos, infra-estrutura e o fator mais importante, o tempo⁸.

Embora a EGG, primariamente, ataque as forças inimigas e seus recursos, o objetivo principal não é destruir a capacidade, mas sim a vontade de lutar do atacante. A EGG requer em sua execução dois elementos essenciais: um santuário (físico – montanhas, pântanos, florestas ou político – regiões de fronteira fracamente vigiadas ou controladas por Estados simpatizantes) e o apoio da população (supre a guerrilha com inteligência, suprimentos e repletamentos de pessoal). Para o escopo dessa pesquisa, esta forma de emprego passa a ser chamada de defesa indireta (ARREGUIN-TOFT, 2005).

Será dado prosseguimento ao estudo com a explanação da tese da *interação*

incapacitado ou não possui vontade política para neutralizar os santuários dos insurgentes. A Ação Indireta tenta formatar e estabilizar o ambiente operacional. Impacta contundentemente o inimigo em longo prazo. Esse conceito é o de “drenagem do pântano”, no qual a atividade terrorista é cultivada (PINHEIRO, 2010).

⁷ De acordo com a estratégia da guerra de guerrilhas, essa estratégia pode evoluir para uma fase final em que a força de guerrilha passa a combater como um exército convencional buscando a confrontação direta (MAO TSE-TUNG, 1961). Nesse caso, o estudo considera que haveria uma mudança na *estratégia de abordagem* indireta para a direta (ARREGUIN-TOFT, 2005).

⁸ “Vocês têm o relógio, mas nós temos o tempo”. Anunciada nas campanhas de propaganda talibã contra a ocupação norte-americana no Afeganistão (Autor desconhecido).

estratégica e seus dois tipos ideais de *abordagens estratégicas*: as diretas e as indiretas.

2.2 A tese da *interação estratégica*

A teoria de Arreguin-Toft prega que cada estratégia possui uma contra estratégia ideal para confrontação. Dessa forma, os atores capazes de antecipar a estratégia a ser empregada por seu adversário aumentam drasticamente as suas chances de vitória adotando a contra estratégia apropriada para a ameaça percebida. Mao Tse-tung advogava que a derrota é um resultado inevitável quando forças nativas, utilizando equipamentos inferiores, são empregadas contra forças modernas combatendo nos seus próprios termos (MACK, 1975). Nesse contexto, Mao sugeriu que quando o fraco enfrenta o forte, o resultado da interação de algumas estratégias ora favorece o forte, ora o contrário (MAO TSÉ-TUNG, 1961).

O autor da teoria defende que o universo de estratégias e contra estratégias podem ser agregados em dois tipos ideais de *abordagens estratégicas*: as diretas e as indiretas. As *abordagens estratégicas diretas* (ataque e defesa convencionais) visam as FA adversárias com o propósito de destruir ou neutralizar sua capacidade física de lutar. Já as *abordagens estratégicas indiretas* (barbárie e EGG), frequentemente visam à vontade de lutar do adversário, tornando sua capacidade física de combate irrelevante. A barbárie visa a atingir a vontade de lutar do adversário por meio de assassinatos, tortura e encarceramento de NC. A EGG visa à vontade do adversário focando seus esforços nos combatentes inimigos, embora NC também possam se tornar alvos em potencial. A constante perda de soldados, suprimentos e equipamentos, com uma probabilidade muito pequena de alcançar uma rápida resolução do conflito, solapam as forças políticas e sociais dos atores fortes (ARREGUIN-TOFT, 2005).

Assim, as interações de mesma origem (direta contra direta e indireta contra

indireta) implicam na derrota dos atores fracos porque não existe nada que possa mediar ou repelir a vantagem de poder do mais forte. Salvo um milagre no campo de batalha, essas interações devem ser resolvidas na proporção da força aplicada. Em contraste com essas, as interações opostas (direta contra indireta e indireta contra direta) implicam na vitória dos atores fracos uma vez que esses se recusam a engajarem nos termos em que os mais fortes possuem claras vantagens. Esses conflitos tendem então a serem prolongados e, nesse aspecto, o tempo corre a favor do mais fraco (ARREGUIN-TOFT, 2005).

Quando a *interação estratégica* causa um atraso não esperado na conquista dos objetivos militares e políticos os atores fortes tendem a perder os conflitos irregulares porque, embora todos os combatentes tendam a possuir expectativas inflamadas sobre a vitória, os mais fortes são particularmente mais suscetíveis ao problema do tempo⁹ (MACK, 1975). Se poder implica em vitória, então um poder esmagadoramente superior tenderia a implicar em uma vitória consideravelmente rápida. Como o conflito contra o oponente fraco se arrasta, as estimativas de sucesso forçam os políticos e os militares a escalarem o uso da força a fim de alcançarem seus propósitos, a mentirem ou a serem julgados cada vez mais como incompetentes ou incapazes. Dessa maneira, a pressão doméstica forçando o fim do conflito tende a crescer. Quanto mais o conflito se prolonga, maiores são as chances do forte simplesmente abandonar a guerra independente da situação militar no campo de batalha e dos ganhos auferidos (ARREGUIN-TOFT, 2005).

De posse do embasamento teórico necessário passaremos a verificar quais são as possíveis relações entre as *interações estratégicas* adotadas e os resultados dos conflitos.

⁹ A análise da duração dos conflitos irregulares revelou que os conflitos que utilizaram interações de abordagens opostas duraram, em média 2,27 anos. Já os conflitos que empregaram interações de mesma abordagem duraram, em média, 1,57 anos (ARREGUIN-TOFT, 2005).

2.3 As hipóteses principais: a *interação estratégica* e os resultados dos conflitos

Esta seção explora a lógica de quatro interações de escolhas *estratégias* distintas e explica como hipóteses derivadas de cada uma delas podem ser satisfatoriamente reduzidas a somente uma. Os resultados esperados das *interações estratégicas* nos resultados dos conflitos podem ser observados no Anexo “A”. Vejamos as interações possíveis.

2.3.1 Ofensiva direta versus defesa direta

Nessa interação ambos os atores fazem avaliações similares a respeito da prioridade de valores sobre os resultados do conflito. De ambos os contendores espera-se o perfeito entendimento sobre as implicações catastróficas das perdas humanas e materiais sofridas nas batalhas, das leis da guerra ou da captura de uma cidade capital. Em virtude de não haver nada para mediar os resultados e o poder relativo material, espera-se que os fortes vençam rápida e decisivamente.

Hipótese 1: Quando o ator forte ataca utilizando a *abordagem estratégica ofensiva direta* contra um ator fraco utilizando como defesa a *abordagem estratégica defensiva direta*, com todos as outras variáveis permanecendo iguais para ambas as partes, o forte deve vencer rápida e decisivamente (ARREGUIN-TOFT, 2005).

2.3.2 Ofensiva direta versus defesa indireta

Ao contrário das *estratégias diretas* que envolvem o emprego de forças treinadas e equipadas para lutar como unidades organizadas contra outras, similarmente treinadas e

equipadas, estratégias de defesa indiretas (tais como terrorismo, EGG ou movimentos de resistência) tipicamente empregam forças difíceis de serem distinguíveis dos NC¹⁰. Como consequência principal, as forças atacantes tendem a provocar baixas entre os NC, fato que estimula o aumento na resistência entre os atacados. Porém, o aspecto mais importante a ser considerado é que a estratégia de defesa não-convencional incide sobre o fator tempo, prolongando a resolução do conflito tanto quanto o defensor esteja disposto a resistir. E, conforme já exposto, nos conflitos irregulares o tempo tende a correr a favor dos mais fracos.

Hipótese 2: Quando o ator forte ataca utilizando a *abordagem estratégica ofensiva direta* contra um ator fraco utilizando uma *abordagem estratégica defensiva indireta*, com todas as outras variáveis permanecendo iguais para ambas as partes, o fraco deve vencer (ARREGUIN-TOFT, 2005).

2.3.3 Ofensiva indireta versus defesa direta

A *estratégia indireta* utilizada pelo atacante tem como propósito atingir a vontade de resistir do defensor. Antes do advento dos bombardeiros aéreos estratégicos e da artilharia de longo alcance (como os foguetes V-1 e V-2 utilizados na Segunda Guerra Mundial - IIGM) bloqueios e cercos eram as formas primárias de coagir os adversários nesse sentido. Nos tempos atuais, as campanhas de bombardeiros estratégicos, o emprego de Forças de Operações Especiais e as sanções econômicas são as formas mais comuns de ofensiva indireta contra uma defesa direta, quando o atacante é o mais forte¹¹.

¹⁰ Para KIRAS (2008), na guerra irregular, a linha que separa combatentes e não-combatentes é tênue e turva. Além disso, os objetivos são ambíguos e a linha do tempo para a vitória desconhecida.

¹¹ Quando o atacante é o ator fraco, terrorismo e insurgência são as formas mais comuns de ofensiva indireta contra uma defensiva direta. O teórico assumiu que os fortes são os atacantes porque o forte atacando o fraco foi o padrão mais comum observado nos conflitos irregulares pesquisados (ARREGUIN-TOFT, 2005).

A lógica da interação poderia favorecer o atacante. Como imaginado pelos estrategistas do poder aéreo como Douhet e Mitchell, a ameaça de um ataque profundo atingindo os centros populacionais e industriais do inimigo, deixando para trás os exércitos entrincheirados, coagiria o adversário a capitular sua posição a fim de salvar seus cidadãos e poupar seus recursos. Por outro lado, as baixas provocadas em civis, particularmente em crianças, pode aumentar a resistência entre a população que anteriormente era neutra ou contra a guerra. Tal fato pode trazê-los para próximo do governo em vez de aliená-los. Além disso, medidas bem planejadas como a dispersão dos recursos essenciais e a tenacidade da população, como exemplo do povo londrino durante a II GM, podem minimizar os efeitos dos ataques aéreos. Assim, a teoria entende que o forte perderia a interação porque ela consome tempo, tende em direção à barbárie¹² e, na era pós II GM, essa estratégia tende a ser política¹³ e militarmente contra produtiva.

Hipótese 3: Quando o ator forte ataca utilizando a *abordagem estratégica ofensiva indireta* contra um ator fraco utilizando uma *abordagem estratégica defensiva direta*, com todos as outras variáveis permanecendo iguais para ambas as partes, o forte deve perder (ARREGUIN-TOFT, 2005).

2.3.4 Ofensiva indireta versus defesa indireta

A estratégia da ofensiva indireta pressupõe para o teórico certo grau de restrição

¹² Em alguns casos, como no final da extensa campanha de bombardeio aéreo americano conduzido contra os norte-vietnamitas na Operação ROLLING THUNDER, a situação escalou até o ponto em que as baixas entre não-combatentes passaram a ser simplesmente aceitas (ARREGUIN-TOFT, 2005).

¹³ Por falta de evidências históricas, além dos ataques às cidades de Hiroshima e Nagasaki, é difícil estimar o potencial de barbárie do emprego dos armamentos nucleares, sendo esse, provavelmente, o ponto focal nas questões que envolvem a estratégia nuclear.

por parte dos atacantes¹⁴. Quando o atacante mais forte emprega uma estratégia que ignora tais restrições, o defensor mais fraco provavelmente irá perder porque toda sua fonte de suporte será minada e a EGG depende diretamente de uma rede social para suporte logístico, inteligência e repletamentos¹⁵. A barbárie funciona como uma estratégia de contra-insurgência (CI) porque atacando tanto o apoio social, como seus os santuários ela destrói a capacidade de lutar do adversário.

Hipótese 4: Quando o ator forte ataca utilizando a *abordagem estratégica ofensiva indireta* contra um ator fraco utilizando uma *abordagem estratégica defensiva indireta*, com todos as outras variáveis permanecendo iguais para ambas as partes, o forte deve vencer (ARREGUIN-TOFT, 2005).

Sendo assim, cada uma das quatro possibilidades de interação pode ser resumida, para efeitos deste estudo, em *estratégia de mesma abordagem* (direta contra direta e indireta contra indireta) ou *estratégia de abordagem oposta* (direta contra indireta e indireta contra direta).

Hipótese 5: Atores fortes possuem maior probabilidade de vencerem interações de mesma abordagem e perderem interações de abordagem oposta (ARREGUIN-TOFT, 2005).

Abordadas as cinco hipóteses de resultados dos conflitos, fruto das *abordagens estratégicas* empregadas pelos contendores, passaremos ao estudo da relação estatística entre a *interação estratégica* e o resultado do conflito.

¹⁴ Harry Turtledove explora o contra fato do que poderia ter acontecido caso Gandhi tentasse adotar a estratégia da resistência não violenta (uma defesa indireta assim como o terrorismo e a EGG) contra o III Reich de Hitler, em vez do Reino Unido. Na sua visão fictícia, a resistência de Gandhi seria esmagada e, tanto ele como Nehru, seriam executados. Ou seja, existe certo grau de restrição para adoção da barbárie por parte dos atores fortes (ARREGUIN-TOFT, 2005).

¹⁵ Mao Tse-Tung certa vez fez uma analogia entre o relacionamento dos insurgentes e da população na chamada Guerra do Povo. Comparou os combatentes a um peixe e a população ao mar. Uma efetiva campanha CI poderia, metaforicamente, alterar o terreno (tornando o mar transparente) ou secando o mar (matando, expulsando ou aprisionando a população). Ambas podem ser classificadas como barbárie (ARREGUIN-TOFT, 2005).

2.4 Teste quantitativo da teoria da *interação estratégica*

O modelo teórico escolhido testa a teoria da *interação estratégica* na análise quantitativa de duzentos e dois conflitos assimétricos travados entre 1800 e 2003. O objetivo é determinar se existe uma relação estatisticamente significativa entre a *interação estratégica* e o resultado dos conflitos irregulares. Além disso, testa argumentos alternativos tais como o argumento de que o ator mais fraco venceu os conflitos assimétricos porque recebeu suporte externo de outros Estados (ARREGUIN-TOFT, 2005).

O método básico da codificação de casos foi o de examinar cada um dos conflitos do período supracitado. O conflito foi chamado de assimétrico¹⁶ se a metade do produto da multiplicação do efetivo das FA pelo quantitativo da população de um ator excedeu o produto simples dos mesmos fatores do adversário na razão de 5:1 ou mais. Nessa situação é constatada a assimetria de recursos. Se o forte utilizou suas FA para tentar destruir o fraco ou capturar seus recursos, o ataque foi classificado como convencional. Se o fraco utilizou suas FA contra o forte na tentativa de frustrar esses ataques foi classificado como defesa convencional. A classificação como barbárie foi reservada ao ator forte que sistematicamente atingiu NC, empregou suas armas indiscriminadamente ou aceitou os danos colaterais em uma campanha de bombardeios aéreos, mesmo quando a avaliação dos danos a serem provocados colocava em dúvida a necessidade militar da campanha como um todo. Um ator fraco foi classificado como empregando a EGG caso ele tenha se proposto a impor custos ao ator mais forte evitando combates decisivos. Cada conflito foi classificado como uma das quatro *interações estratégicas* antes de ser reduzido a um dos dois tipos de interação (mesma

¹⁶ Guerra assimétrica é o conflito armado que contrapõe dois poderes militares que guardam entre si marcantes diferenças de capacidades e possibilidades. Trata-se de enfrentamento entre um determinado partido e outro com esmagadora superioridade de poder militar sobre o primeiro. Nesse caso, normalmente o partido mais fraco adota majoritariamente técnicas, táticas e procedimentos típicos da guerra irregular (MD35-G-01).

abordagem ou abordagem oposta) (ARREGUIN-TOFT, 2005).

A variável principal da análise é a *interação estratégica* (IntEst) comparada ao resultado do conflito (ResCon). Se a IntEst provoca alteração no ResCon então uma mudança no valor da IntEst deve ser acompanhada de uma mudança correspondente no ResCon (ARREGUIN-TOFT, 2005).

A tabulação cruzada estabeleceu que as *interações estratégicas* e os resultados dos conflitos estão associados e seu relacionamento é estatisticamente relevante, conforme observado no Anexo “B”.

Os resultados, assim, suportam a hipótese 5. Os atores fracos venceram com uma frequência três vezes maior quando empregaram a *estratégia de abordagem oposta*, se comparado com a frequência de vitórias obtidas com o emprego da *estratégia de mesma abordagem*.

De posse da modelagem probabilística da teoria da *interação estratégica* verificaremos, a seguir, um argumento alternativo que poderia alterar, de forma significativa, o teste quantitativo exposto pela teoria de Arreguin-Toft.

2.5 Teste do argumento alternativo

Quantas vitórias dos atores fracos aconteceram em virtude de apoio externo¹⁷? Raramente os fortes recebem suporte externo quando combatendo os mais fracos, enquanto o oposto frequentemente acontece. Assim, os fracos poderiam vencer os conflitos irregulares porque são supridos por fontes externas, em vez de utilizarem a contra estratégia adequada. Utilizando a mesma ferramenta de comparação do teste inicial os resultados podem ser

¹⁷ O suporte externo nesse contexto significa o envio de armas, apoio logístico e, em alguns casos, conselheiros militares. Porém, o suporte considerado nesta pesquisa não envolve nenhum apoio de tropas combatentes.

observados no Anexo “C” (ARREGUIN-TOFT, 2005).

Os resultados obtidos em ambos os testes são similares. O fato constatado na piora dos índices de vitória dos mais fracos indica que o apoio externo é importante, porém o elemento principal é que, mesmo quando eles recebem este suporte, os fracos ainda possuem três vezes mais chances de saírem vitoriosos quando adotam a *estratégia de abordagem oposta*, se comparado com as chances de vitória quando empregam a *estratégia de mesma abordagem*. Essencialmente, os efeitos da *estratégia da interação* sobrepujam os efeitos do apoio externo.

Verificaremos, a seguir, o comportamento na tendência de longo prazo das *abordagens estratégicas* empregadas nas guerras irregulares desde o ano de 1800, bem como seus resultados.

2.6 A estratégia da interação e as tendências de longo prazo

Em termos de tendência, o sucesso dos fracos nos conflitos irregulares vem aumentando durante o tempo conforme pode ser constatado no Anexo “D”.

Aliado ao fato do aumento na tendência de longo prazo da vitória dos mais fracos constata-se, também, o aumento no emprego da *estratégia de abordagem oposta*, de acordo com o gráfico contido no Anexo “E”.

Em síntese, a análise dos dados suporta que três hipóteses principais relacionam a *interação estratégica* utilizada ao resultado dos conflitos. Primeiro, os atores fortes possuem maior probabilidade de perder *interações estratégicas de abordagens opostas*. Segundo, conflitos empregando *interação estratégica de abordagens opostas* demoram mais tempo do que os que empregam a *interação estratégica da mesma abordagem*. Terceiro, a frequência na

ocorrência das *interações estratégicas opostas*, em que os fortes perdem o resultado final dos conflitos, tem crescido em larga proporção¹⁸ (ARREGUIN-TOFT, 2005).

Estudados os aspectos necessários ao entendimento do modelo teórico da *interação estratégica* passaremos à conclusão do capítulo.

2.7 Conclusões parciais

Todos os atores envolvidos em um conflito, seja ele de grande ou pequena escala, tendem a trazer para o campo de batalha todos os seus recursos disponíveis e um plano para o seu emprego. Não pairam dúvidas que, em se mantendo iguais todas as outras variáveis, uma farta oferta de recursos disponíveis para serem empregados, quando e onde forem necessários, oferecem uma grande vantagem aos seus contendores. Porém, se a teoria de Arreguin-Toft estiver correta, a adoção de uma *estratégia de interação* apropriada torna-se o principal fator a ser observado minimizando, dessa forma, as assimetrias de recursos entre os fortes e os fracos. Assim, uma alteração no curso previsível do resultado esperado pode tornar-se tangível e revelar que a opção estratégica mais vantajosa para o mais fraco, perante um inimigo esmagadoramente mais forte, seja a busca pela *abordagem estratégica oposta*.

Dessa maneira, será dado prosseguimento ao trabalho com o estudo do emprego das Forças de Operações Especiais norte-americanas na Guerra do Afeganistão a fim de verificarmos se, em um determinado período, a *interação* entre as *estratégias* estadunidenses e afegãs seguiram o previsto no modelo teórico em questão.

¹⁸ A proporção das derrotas sofridas pelos atores mais fortes quando comparadas à porcentagem do aumento do emprego das interações de abordagens opostas sofreu um incremento no período dos últimos 50 anos. Esse fato sugere que outros fatores, tais como o estabelecimento de normas anticolonialistas, o aumento do nacionalismo, a dispersão dos regimes capitalistas e as constantes intervenções das superpotências durante o período da Guerra Fria, explicam um pouco desta tendência. Entretanto, o resultado da análise teórica deixa claro que a tese da IntEst permanece como a variável causal mais importante (ARREGUIN-TOFT, 2005).

3 A GUERRA DO AFGANISTÃO DE 2001 ATÉ 2002 E A CAMPANHA CENTRADA EM FORÇAS DE OPERAÇÕES ESPECIAIS

Conforme pudemos constatar no modelo teórico de Arreguin-Toft, o universo de estratégias e contra estratégias adotadas pelos contendores em uma guerra irregular pode ser agregado em dois tipos ideais de *abordagens estratégicas*: as diretas e as indiretas. As *abordagens estratégicas diretas* (ataque e defesa convencionais) visam às FA adversárias com o propósito de destruir ou neutralizar sua capacidade física de lutar. Já as *abordagens estratégicas indiretas* (barbárie e EGG), frequentemente, visam à vontade de lutar do adversário tornando sua capacidade física de combate irrelevante.

Podemos depreender do capítulo anterior que, em virtude das enormes assimetrias de recursos envolvidas entre os contendores em uma guerra irregular, os atores fracos buscarão, ao menos nos momentos iniciais do conflito, a *estratégia indireta defensiva*. Nesse caso, o emprego da estratégia da guerra de guerrilha se mostra a opção mais favorável para enfrentar um ator mais forte e tentar contrabalancear sua inferioridade de recursos. Com isso o mais fraco buscará minar a vontade de lutar do inimigo por meio de uma campanha militar de desgaste. A *estratégia indireta defensiva* torna-se, então, a forma mais vantajosa de alcançar o sucesso contra o ator mais forte a fim de contornar a lógica esperada do resultado, em que os fortes vencem a maioria dos conflitos irregulares, conforme constatamos no Anexo “F”.

Tomando-se como válida a teoria da *interação estratégica*, é plausível supor que ambos os contendores seguirão seus preceitos a fim de aumentarem suas probabilidades de sucesso na guerra irregular. Nesse caso, o ator forte, diante da *estratégia indireta defensiva* adotada pelo ator fraco deveria, de acordo com a teoria, adotar a *estratégia indireta ofensiva* a fim de maximizar sua probabilidade de sucesso no conflito (76,8% de sucesso nas interações de mesma abordagem conforme prevê o gráfico contido no Anexo “B”).

Uma vez que estratégia da barbárie seja adotada, o ator forte deverá atingir a vontade e a capacidade de lutar do oponente por meio do assassinato e tortura de NC, utilização de campos de concentração, campanhas de estupros indiscriminados, bombardeios aéreos contra alvos de pouco ou nenhum valor militar, emprego de artefatos químicos, bacteriológicos e radiológicos, bem como a imposição de sanções econômicas e o emprego de FOpEsp, principalmente nas ações indiretas.

Porém, é fato irrefutável o amadurecimento das leis que tratam do Direito Internacional Humanitário, bem como seus órgãos de fiscalização e apuração. Além disso, a cobertura instantânea oferecida pela modernização nos órgãos de comunicação levou o acompanhamento das guerras para dentro dos lares em tempo quase real. Assim, as opções de emprego da barbárie tornaram-se cada vez mais restritas, de certa forma até inaceitáveis, perante os olhos da justiça internacional e da opinião pública mundial¹⁹.

Restam com isso, como formas aceitáveis de *estratégia indireta ofensiva*, somente as sanções econômicas e o emprego das FOpEsp. Para efeitos da pesquisa, doravante conduzida, abordaremos somente a vertente do emprego da última, uma vez que a primeira tem a sua execução muito mais próxima à condução política do conflito e precede o emprego do poder militar, não fazendo assim parte do escopo desta pesquisa.

Neste capítulo serão trazidas considerações sobre uma possível mudança no modo de guerra norte-americano e a revisão da estratégia estadunidense para a guerra irregular no período pós Guerra Fria. Sucessivamente, serão discutidas a Operação Liberdade Duradoura

¹⁹ O problema da barbárie não se restringe ao fato que essa estratégia não pode vencer guerras (somente em circunstâncias peculiares – normalmente empregado por Forças de Operações Especiais em uma campanha CI), mas ao fato que quase sempre ela leva à perda da paz. Essa tendência histórica não se mostra óbvia até o retorno das potências coloniais após a II GM. Morte, tortura e brutalidade serviam para conter resistências e intimidar apoio social antes da I GM. Após a II GM os mesmos métodos tenderam a aumentar a resistência, assim aumentando os custos da ocupação. Atores fortes dispostos e capazes de lavarem a barbárie aos seus extremos (como a França na Argélia sob o comando do General Massu) podem ainda vencer guerras, porém esses métodos hoje são incapazes de alcançar a paz (ARREGUIN-TOFT, 2005).

no período de 2001 a 2002, bem como o emprego das FOpEsp na segunda fase desta operação militar. Na seção subsequente será apresentado um contraponto ao sucesso norte-americano na Guerra do Afeganistão. E, ao final, concluiremos se o emprego seguiu o resultado esperado da *interação estratégica* entre os contendores, conforme o modelo teórico de Arreguin-Toft, ou não.

Trataremos, a seguir, de uma breve explanação sobre a Guerra do Afeganistão e os fatores que possam vir a caracterizá-la como uma possível mudança no modo de guerra norte-americano.

3.1 A Guerra do Afeganistão e uma possível mudança no modo de guerra norte-americano

O ataque de onze de setembro de 2001 determinou um indicador letal de como os conflitos passariam a ser conduzidos ao redor do globo. Para aqueles que enxergavam os Estados Unidos da América e seus aliados como inimigos, uma antiga forma de combate, a guerra irregular, voltou a tornar-se uma opção estrategicamente atrativa. Porém, agora, com uma roupagem ineditamente modernizada, na qual, mais do que nunca, as táticas, técnicas e procedimentos (TTP) tornaram as esmagadoras superioridades tecnológicas e militares dos oponentes pateticamente ineficazes. Aquele trágico evento, que consumiu a vida de cerca de três mil cidadãos NC, demonstrou ao mundo que pequenos grupos de extremistas fanáticos, acreditando que é possível alcançar o paraíso, ao morrer matando em nome de Deus, eram capazes de infligir uma agressão absolutamente impensável, até aquele momento, à única superpotência hegemônica, em seu próprio território (PINHEIRO, 2010).

Logo depois do onze de setembro de 2001, o governo George W. Bush deu início

a Operação Liberdade Duradoura (*Operation Enduring Freedom*), a qual, entre seus objetivos, visava a retirar o regime Talibã do poder no Afeganistão, bem como instalar bases avançadas que serviriam de ponta de lança para a caçada a membros da Al-Qaeda. A ação militar no Afeganistão tinha por base o poder aéreo e as FOpEsp. Estas, além de localizarem alvos para os bombardeiros, também se juntaram à Aliança do Norte²⁰ para, juntas, derrubarem o Talibã. Tal operação foi aparentemente um sucesso e logo já se falava em uma mudança do modo de guerra americano (KOZARYN, 2001), o qual, a partir de então, teria as FOpEsp como seu elemento central. Trata-se do que posteriormente ficou conhecido como “modelo afegão”: o uso de FOpEsp, combinadas com tropas locais, e apoiadas pela Força Aérea (JORGE, 2009).

Donald Rumsfeld²¹ demonstrou-se bastante satisfeito com o modelo e se tornou um entusiasta das FOpEsp que ganharam então uma proeminência nunca antes vista na história dos EUA. Para o então secretário, as movimentações iniciais no Afeganistão, onde as FOpEsp se locomoviam em muitas oportunidades montadas à cavalo (FIG. 1), constituíram-se no “primeiro ataque de cavalaria do século XXI”:

“Eu me encontrei com um grupo extraordinário de homens, as Forças Especiais, as quais estiveram envolvidas no ataque a Mazar-e-Sharif. Eu tenho dito em um número de ocasiões que a guerra ao terror será diferente de qualquer guerra que lutamos antes. Estes homens surpreenderam a todos nós com as suas solicitações por suprimentos. Eles pediram botas, munição... e alimento para cavalos. (...) Do momento em que pousaram no Afeganistão, eles começaram a se adaptar às circunstâncias no solo. Eles usavam barba e as vestimentas tradicionais. Eles montavam em cavalos... (...) No dia agendado, uma de suas equipes penetrou e se escondeu atrás das linhas inimigas, prontos para chamarem pelos ataques aéreos... Bombas precisas foram disparadas contra posições do Talibã e da Al-Qaeda. Muitos

²⁰ Grupo de organizações armadas que resistia à dominação do Talibã. Geralmente conhecida como Aliança do Norte pela mídia, porém mais precisamente como *Shura Nazar*, ou Frente Unida Islâmica para a Salvação do Afeganistão. A Aliança do Norte recebia apoio material do Irã, da França e da Rússia. Tal organização detinha um número de fortificações ao norte do Afeganistão, assim como o vital Vale Panjshir, ao norte da capital Cabul. A sua ação era basicamente convencional na natureza e mesmo estática em muitas frentes nas quais o terreno impedia a manobra (MALONEY, 2007).

²¹ Secretário de Defesa dos Estados Unidos da América nos períodos de 1975-1977 e 2001-2006. Foi um dos pensadores que formataram a Revolução nos Assuntos Militares (RAM) com o seu artigo na *Foreign Affairs* de Mai-Jun de 2002, intitulado “*Transforming the militaries*”.

afegãos [a parte aliada aos EUA] se aproximaram do inimigo... Foi o primeiro ataque de cavalaria do século XXI... O que venceu a batalha de Mazar e fez o Talibã cair do poder foi uma combinação da habilidade das Forças Especiais, as mais avançadas armas do arsenal dos Estados Unidos, lançadas pela Marinha, Força Aérea e Marines e a coragem dos lutadores afegãos, alguns com apenas uma perna.” (RUMSFELD, apud JORGE, 2009, p. 2).

Constata-se, das visões acima referenciadas, que o inesperado ataque de setembro de 2001 perpetrado contra a potência hegemônica mundial desencadeou uma rápida resposta norte-americana por meio da Operação Liberdade Duradoura. Esta operação trouxe as FOpEsp dos EUA para o papel de protagonistas da ação militar, categorizando o que passou a ser chamado, posteriormente, de “modelo afegão”. Essas forças encontraram no então Secretário de Defesa um entusiasta e defensor das suas TTP. Esse fato, aliado ao seu eficaz desempenho, alavancou as FOpEsp para um patamar nunca antes visto na história.

Na próxima seção será comentada a revisão da estratégia americana para a guerra irregular no período pós Guerra Fria e o processo chamado “Revisão de Baixo para Cima”, conduzido por Leslie Aspin.

3.2 As Forças de Operações Especiais e a revisão da estratégia militar norte-americana voltada para a guerra irregular no período pós Guerra Fria

Quando o presidente William (Bill) Clinton (1993-2001) nomeou Leslie Aspin seu secretário de Defesa em 1993, ao novo secretário foi dada a missão de definir a estratégia militar norte-americana para o contexto do pós Guerra Fria. Aspin iniciou um processo chamado “Revisão de Baixo para Cima” – *Bottoms-Up Review* (ou BUR) – cuja missão era repensar cada aspecto da política militar norte-americana (JORGE, 2009).

Os militares norte-americanos ficaram divididos quanto à visão de Aspin. A Força Aérea apoiou, da mesma forma que o Comando de Operações Especiais, já que seria ampliada

a tecnologia disponível para ambos, tornando-os mais letais e importantes. O Exército, por outro lado, não ficou satisfeito com os resultados da BUR. Tal arma havia construído sua força em torno de blindados e helicópteros, ambos levando muito tempo para serem desdobrados no campo de batalha e precisando de altos níveis de suprimentos para operarem. Com a BUR, o Exército viu o seu papel ser diminuído. A partir de tal revisão, surgiu a visão de que a projeção de poder dos EUA teria duas bases: o poder aéreo e as FOpEsp. Esse era o quadro de trabalho, aliás, com o qual os planejadores trabalharam quando delinearam a invasão do Afeganistão quase uma década depois (JORGE, 2009).

Nessa nova concepção as FOpEsp viam a sua nova missão da seguinte maneira: deveriam levar o recurso da letalidade o mais rápido possível a qualquer lugar do globo. Dessa forma, elas propuseram três maneiras de fazê-lo. Primeiro, as suas próprias forças poderiam entrar rapidamente em um país hostil e executar operações cobertas²² de forma precisa. Segundo, as Forças Especiais²³ do Exército poderiam penetrar as fronteiras de determinado país, juntar-se às forças locais que eventualmente compartilhassem dos interesses dos Estados Unidos e guiá-las nas batalhas. Essa modalidade de ação indireta é conhecida como Combate não Convencional (*Unconventional Warfare*)²⁴. Finalmente, os operadores especiais deveriam localizar alvos e solicitar apoio aéreo contra tais alvos²⁵. E deveriam fazer isto em dias, em vez de meses (JORGE, 2009).

²² Em uma operação coberta, a identidade do promotor está oculta, enquanto numa operação clandestina a própria operação é ocultada (PINHEIRO, 2010).

²³ Força especializada na condução de guerra irregular que, pela versatilidade que lhe confere a estrutura, o grau de instrução e o grande número de especialistas, pode ser empregada em grande variedade de missões que contribuem para a consecução dos objetivos da força como um todo (MD35-G-01). Compõe, juntamente com as tropas de comandos, mergulhadores de combate, resgate aeroterrestre, dentre outras, as FOpEsp.

²⁴ O Combate não Convencional tem o seu entendimento distorcido, por ser visto, de uma maneira geral, como a negação do combate regular, o que configura um equívoco grave. Trata-se de operações destinadas a serem conduzidas por forças irregulares nativas aliadas visando desestabilizar governos hostis ou ilegítimos. O requisito fundamental do *Unconventional Warfare (UW)* é o estímulo e o apoio à comunidade nativa que não possui capacidade para desafiar o governo hostil por si mesmo (PINHEIRO, 2010).

²⁵ O sucesso do método não se deu por conta do poder aéreo, a despeito de sua importância fundamental, mas sim em função do eficaz emprego das suas FOpEsp solicitando o apoio aéreo no momento e local exatos minimizando os danos colaterais e a consequente perda do apoio da população local (JORGE, 2009).

O modo de guerra sugerido por Aspin aumentou a dependência dos EUA em relação às outras nações, bem como em relação às forças locais. Isso levou as Forças Especiais ao centro da estratégia emergente, já que era seu trabalho fazerem com que uma força local do país hospedeiro lutasse de acordo com os interesses dos norte americanos.

As Forças Especiais (também conhecidas como Boinas Verdes) foram criadas nos anos 1950 com a missão de conduzir guerra por meio das táticas de guerrilha atrás das linhas soviéticas no caso de uma guerra na Europa (dado o contexto da Guerra Fria). As Forças Especiais desenvolveram-se na Guerra do Vietnã (1959-1975) como uma força que podia conduzir operações irregulares por conta própria, ou com forças vietnamitas ou do Laos – às quais as Forças Especiais davam treinamento. As Forças Especiais eram a chave de todo o novo conceito que emergia nos EUA dos anos 1990. Foram feitas para moverem-se antes do início de uma batalha principal, juntarem-se às forças amigas dentro de determinado país, entregar inteligência aos comandos superiores e também atacar forças inimigas diretamente quando necessário. Do ponto de vista de Aspin, as Forças Especiais eram a solução para o problema estratégico dos Estados Unidos, principalmente no cenário das guerras irregulares que descortinavam os futuros conflitos em que norte-americanos estariam envolvidos. O fato de que os Boinas-Verdes podiam trabalhar bem em sincronia com a Diretoria de Operações da Agência Central de Inteligência (CIA) aumentou, ainda mais, a utilidade dos “Profissionais Silenciosos”. O Exército finalizaria o trabalho e ocuparia o país eventual. Na nova visão de Aspin, o papel de combate do Exército começaria no fim do auge da guerra (FRIEDMAN, 2004).

Em 25 de maio de 2001, o presidente George W. Bush usou seu discurso aos formandos da Academia Naval de Annapolis para estimular mais criatividade no pensamento militar. O presidente disse que queria construir uma força futura que fosse menos definida

pelo tamanho e mais moldada pela invisibilidade, precisão e informação (JORGE, 2009). Estava assim sendo lapidado o futuro papel que as FOpEsp viriam assumir poucos meses depois do emblemático discurso.

Analisadas os fatos acima depreendemos que a BUR, ainda na década de 90, começou a colocar em evidência a importância do poder aéreo e das FOpEsp, antecipando o modelo que viria a ser empregado em 2001 nas montanhas afegãs. Nessa revisão, conduzida por Leslie, constatamos que as Forças Especiais, tropa pertencente às FOpEsp, é, por natureza, a força vocacionada à condução da *Unconventional Warfare* com a tarefa convencer, treinar e apoiar as forças irregulares nativas a fim de desestabilizarem o governo local hostil, de acordo com os interesses norte-americanos. Vimos também que o presidente Jorge Bush passou a incentivar a criatividade militar por meio de uma estrutura menos voltada para tamanho e mais focada em uma força silenciosa, precisa e bem informada.

Trataremos na próxima seção da Operação lançada pelo presidente norte-americano Jorge Bush, em outubro de 2001, sob o codinome de Liberdade Duradoura.

3.3 A Operação Liberdade Duradoura no período de 2001 a 2002²⁶

A campanha de bombardeios no Afeganistão começou na noite de sete de outubro de 2001 e focou-se, inicialmente, em destruir defesas aéreas limitadas e a infra-estrutura de comunicação do Talibã. Porém, equipes das FOpEsp norte-americanas e britânicas conduziram operações de busca²⁷ no Afeganistão ao menos uma semana antes. Em quinze de

²⁶ A Operação Liberdade Duradoura foi lançada em 07 de outubro de 2001 e oficialmente encerrada em 28 de dezembro de 2014 com a dissolução da *International Security Assistance Force* (ISAF). Tropas da OTAN permanecem no país conduzindo uma nova missão batizada como *Resolute Support*.

²⁷ Operação de esclarecimento que consiste na investigação sistemática de determinada área, com o propósito de localizar um objeto que se supõe ou que se sabe estar naquela área ou de confirmar sua ausência ou obter

outubro daquele ano, equipes designadas a fazerem contato com os principais líderes tribais da Aliança do Norte foram infiltradas e iniciaram os preparativos para a ação ofensiva combinada contra o Talibã. Algumas das principais ações de combate ocorreram nas montanhas ao sul de Mazar-e-Sharif (a quarta maior cidade afegã), quando equipes das FOpEsp, trabalhando com os generais Abdul Rashid Dostum e Atta Mohammed (ambos da Aliança do Norte) partiram do norte através de Mazar até os vales dos rios Dar-ye Suf e Balkh. A queda de Mazar-e-Sharif derrubou a posição do Talibã no norte do Afeganistão. A capital Cabul caiu sem nenhuma luta em treze de novembro de 2001 (BIDDLE, 2002).

Com a queda de Cabul e Kunduz, as atenções se voltaram à bem defendida Kandahar (FIG. 2). Na noite de seis de dezembro, o Mulá Mohammed Omar e a liderança do Talibã escaparam da cidade e se esconderam, terminando, assim, o governo Talibã no Afeganistão. Em seguida, as forças aliadas seguiram um grupo de sobreviventes da Al-Qaeda, em uma série de refúgios (FIG. 3) perto de Tora Bora (um complexo de cavernas situado na província de Nangarhar, no leste do Afeganistão). Os refúgios foram tomados em uma batalha que durou dezesseis dias, embora parte do comando da Al-Qaeda tenha escapado, através da fronteira com o Paquistão, levando consigo o líder maior, Osama Bin Laden (ANDRES; WILLS; GRIFFITH JR., 2005).

Até abril de 2002, ocorreu o que pode ser descrito como as quatro fases da Guerra no Afeganistão, conforme observado no Anexo “G”: a primeira fase foi muito curta sendo aplicado somente o poder aéreo com pouco êxito. A infiltração das FOpEsp para apoiar as forças da Aliança, marcou o começo da segunda fase²⁸. Em conjunto com as operações terrestres da Aliança do Norte, as FOpEsp obtiveram êxito ao desalojar os combatentes do

informações essenciais para o planejamento ou prosseguimento das operações (MD35-G-01).

²⁸ Para efeitos dessa pesquisa a segunda fase da Guerra do Afeganistão, de maneira geral, passa a ser categorizada como a segunda fase deste período, que abrange a janela de tempo que vai de outubro de 2001 a janeiro de 2002.

Talibã e da Al Qaeda de suas posições defensivas convencionais. Na terceira fase, conduzida nas montanhas de Tora Bora, foi observado que as ações das FOpEsp e de seus relutantes aliados não foram suficientes para bloquear a fronteira com o Paquistão e levar o combate ao inimigo abrigado em cavernas. A quarta fase foi caracterizada pela chamada Operação Anaconda, na qual foram empregadas as forças convencionais dos EUA e pequenas equipes de FOpEsp pertencentes às Forças Aliadas. Porém novamente, parece que o inimigo conseguiu desaparecer em direção ao outro lado da fronteira com o Paquistão (JORGE, 2009).

Se examinadas as quatro fases objetivamente, observa-se, que as forças da Al Qaeda não adotaram a *estratégia defensiva indireta* durante as duas primeiras fases da guerra, conforme supostamente esperado. Elas se encontravam desdobradas em posições defensivas constituindo assim uma defesa convencional. Somente depois de derrubadas do poder, ao final da segunda fase, foram capazes de travar a guerra de maneira mais eficaz às suas forças seguindo, dessa maneira, o modelo teórico em estudo. Ou seja, passaram para a *estratégia indireta defensiva*, adotando a estratégia da guerra de guerrilha como opção defensiva.

Na segunda fase, o mais importante a se observar foi o crescimento do número de equipes das FOpEsp e da CIA trabalhando com a oposição no Afeganistão. No meio de outubro de 2001, apenas três Equipes de Forças Especiais, cada uma com doze homens, estavam no Afeganistão. No meio de novembro, eram dez. Em oito de dezembro, eram dezessete (O'HANLON, 2002).

De acordo com os fatos referenciados supracitados constatamos que, precedendo o início da operação militar no Afeganistão, equipes das Forças Especiais infiltraram-se no Afeganistão, juntaram-se aos líderes da Aliança do Norte e passaram a coordenar os preparativos necessários à condução da operação, principalmente no tocante ao apoio de fogo aéreo. Observamos também que as ações das FOpEsp em poucos dias contribuíram para a

queda sucessiva das importantes cidades de Cabul, Kurduz e Kandahar, culminando assim com a queda do regime Talibã. Por outro lado, o poderio bélico aliado não foi capaz de deter a fuga de líderes, dentre eles Osama Bin Laden, para o Paquistão utilizando as rotas pelas montanhas de Tora Bora. Constatamos também que, durante a segunda fase dessa ofensiva as forças do Talibã encontravam-se desdobradas em posições defensivas constituindo uma defesa convencional e que, também nessa fase, houve um incremento no número de FOpEsp com a tarefa principal de designar alvos inimigos para o poder aéreo norte-americano.

A próxima seção buscará abordar o emprego das FOpEsp na Operação Liberdade Duradoura caracterizando seu papel central no novo modo de guerra norte-americano.

3.4 O emprego das FOpEsp na Operação Liberdade Duradoura

A operação militar que os EUA conduziram para derrotar o regime Talibã no Afeganistão em 2001 representa algo novo na guerra. Nunca antes o poder aéreo e as FOpEsp tiveram o papel principal em uma guerra. Embora o emprego das FOpEsp, orientando o poder aéreo, em apoio aos aliados nativos, não fosse um fato totalmente novo, poucos, mesmo entre as FOpEsp, poderiam imaginar um momento em que isso constituiria o esforço central em uma campanha sustentada. O poder de fogo de precisão orientado pelas FOpEsp transformou radicalmente a campanha estadunidense, aumentando a capacidade do poder aéreo em destruir as forças terrestres do Talibã e minimizando, ao mesmo tempo, o dano colateral (FIG. 4). Assim, a campanha militar no Afeganistão transformou-se em uma campanha centrada em Forças de Operações Especiais (ANDRES; WILLS; GRIFFITH JR., 2005).

Outro aspecto digno de nota na Guerra do Afeganistão foi a capacidade das FOpEsp operarem neste ambiente de forma totalmente fluida. Essas forças puderam infiltrar-

se nas fileiras das Forças da Aliança e criar uma potente força moral, equilibrando o aspecto físico com o mental e moral. Essas equipes foram verdadeiramente adaptáveis e suas atividades permitiram criar o conceito de exploração de arrasto (LIND, 2005). Isto é, os elementos de exploração (as FOpEsp neste caso) arrastaram o resto da força em direção a menor resistência para obter uma considerável vitória por meio da manobra (aspecto fundamental da Guerra de Manobra²⁹). Estavam capacitadas pela tecnologia a um nível nunca visto (comunicações diretas com aeronaves e munições dirigidas de precisão). Embora não devamos minimizar as contribuições das novas tecnologias, o fato é que a diferença entre a ineficácia da primeira fase e a alta eficácia da segunda residia no combatente de Operações Especiais no terreno. As fotos dos combatentes em vários tipos de uniformes, montados em cavalos, mulas, equipados com computadores portáteis, retratavam uma cena na qual estas equipes, totalmente conscientes das intenções do comandante³⁰, exploraram, sempre que possível, os pontos fracos da Al Qaeda e do Talibã (WILCOX; WILSON, 2002).

Durante a segunda fase da Guerra do Afeganistão, as FOpEsp e seus novos aliados conseguiram o equivalente ao que fez a Blitzkrieg alemã nas planícies da França durante a II GM, apesar de lutarem contra forças pouco armadas em comparação com os franceses. A rapidez com a qual as equipes de FOpEsp e os combatentes aliados cumpriram suas missões foi impressionante (WILCOX; WILSON, 2002). Ao final da segunda fase, apenas alguns agentes da CIA e trezentos e dezesseis soldados das FOpEsp derrubaram o regime Talibã.

Há indícios de que, com o emprego das FOpEsp no Afeganistão, ou seja, a

²⁹ Estilo de guerra que visa comprometer o centro de gravidade do inimigo, por meio de ações rápidas e decisivas que neutralizem ou retardem sua capacidade de observação, orientação, decisão e ação, não lhe permitindo completar o ciclo decisório. Para isso procura, dentre outras medidas, destruir ou paralisar sua capacidade de comando e controle. A ideia é torná-lo incapaz de resistir coordenada e efetivamente, desencadeando ações que afetem moral, mental e fisicamente a coesão (MD35-G-01).

³⁰ A intenção do comandante representa o modo como a operação será executada e o estado final a ser alcançado. Inclui, ainda, a concepção geral das operações, o detalhamento de cada fase da campanha e as instruções de coordenação (MD35-G-01).

utilização de pequenas células compostas militares experientes e extremamente capacitados, apoiadas por apoio aéreo especial e por aliados (alguns dos quais de aliança duvidosa) é possível que tenha sido estabelecido a fundação de uma força capaz de enfrentar, de forma eficaz e eficiente, inimigos que, apesar de irregulares, empregavam as táticas regulares no período selecionado para esta pesquisa. Os combates nas montanhas de Tora Bora demonstraram que as FOpEsp eram mais aptas que as forças convencionais para esse tipo de conflito. Uma pequena presença americana, em vez de grande, pareceu ser a maneira ideal para combater esse tipo de adversário. Melhor dito, as operações em Tora Bora demonstraram que as FOpEsp podem ser tão eficazes quanto uma grande força norte-americana, com todos os meios de comando, controle e logísticos (WILCOX; WILSON, 2002).

De acordo com os fatos expostos podemos perceber que o poder de fogo precisamente guiado pelas equipes especiais maximizou sua eficácia e minimizou seu efeito colateral. Por isso, a Guerra do Afeganistão, de forma inédita, passou a ser classificada como uma campanha centrada em FOpEsp. Essas tropas arrastaram o resto da força em direção a menor resistência, criando o conceito da exploração de arrasto e fazendo crer que o modelo afegão de emprego das FOpEsp tenha estabelecido a fundação de uma força capaz de enfrentar, de forma eficiente e eficaz, inimigos irregulares.

Na próxima seção serão apresentados alguns pontos discordantes do pretense sucesso norte-americano no Afeganistão.

3.5 Contraponto ao sucesso do “novo” modo de guerra norte-americano

Na visão mais entusiasta do modelo afegão, ou do “novo” modo de guerra norte-americano, argumentou-se que uma nova combinação de FOpEsp, bombas de precisão e um

aliado local (a Aliança do Norte) destruiu o aparato militar do Talibã e derrubou seu regime. E fez isso tanto sem expor os norte-americanos aos riscos de grandes perdas, quanto sem expandir a presença estadunidense – de modo que pudesse encorajar uma insurgência nacionalista fazendo pender o apoio da população contra os norte-americanos.

Muitos acreditam que tal modelo afegão poderia ser usado em qualquer lugar com resultados similares. Todavia, há discordâncias. Muitos argumentam que o sucesso do modelo afegão em 2001-2002 foi idiossincrático, isto é, um produto de circunstâncias locais únicas que provavelmente não irão se repetir em conflitos futuros (BIDDLE, 2002). Se o modelo afegão pode fazer em qualquer lugar o que fez no Afeganistão, faria sentido reestruturar os serviços armados norte-americanos para reduzir dramaticamente as forças de solo que hoje compõem uma ampla porção das Forças Armadas estadunidenses e aumentar a base em bombas de precisão e Forças de Operações Especiais para guiá-las.

Entretanto, em um mundo com diversos tipos de organizações militares ou paramilitares, os EUA às vezes terão aliados como a Aliança do Norte, e às vezes não. E, quando não os tiverem, o modelo afegão provavelmente não prevalecerá. Isso sugere que Forças Armadas desbalanceadas, baseadas em bombas de precisão e um punhado de soldados especiais, seria uma postura de alto risco. Por outro lado, serviços armados balanceados, com a habilidade de integrar poder de fogo preciso e manobra diminuem os riscos e oferecem um poder importante em um mundo no qual não há como escolher seus inimigos. Pode-se esperar que os oponentes do futuro lutem da mesma maneira como fez o Talibã no Afeganistão: trata-se da resposta tradicional aos exércitos com alto poder de fogo (como no caso dos EUA). No futuro a guerra contra alvos encobertos, escondidos e dispersos poderá vir a se tornar a norma para os braços armados dos EUA (BIDDLE, 2002).

Analisamos nesta seção que, apesar da rapidez na derrubada do regime Talibã,

empregando um diminuto número de militares especialmente treinados e equipados, as condições encontradas no cenário podem ser classificadas como únicas, uma vez que nem sempre uma força de ocupação contará com o apoio prestado pelas forças da Aliança do Norte. Essa realidade sugere que o braço armado do Estado deva contar sempre com um serviço equilibrado, balanceado e moderno a fim de se contrapor a um inimigo irregular cada vez mais imprevisível.

Dessa forma, verificado o emprego das FOpEsp norte-americanas na Guerra do Afeganistão e algumas das suas condicionantes, concluiremos se a *interação* entre as *estratégias* estadunidense e afegã seguiram ou não o previsto no modelo teórico adotado nesta pesquisa.

3.6 Conclusões parciais

Neste capítulo pudemos constatar que os EUA adotaram a *abordagem estratégica* adequada (*abordagem estratégica ofensiva indireta* por meio do intenso emprego das FOpEsp), no período coberto pela pesquisa, frente a um inimigo que, por força das circunstâncias esmagadoramente assimétricas, deveria ter adotado a *estratégia defensiva indireta* como forma mais vantajosa de defesa. Porém, demonstrando toda sua complexidade, a realidade constatada foi contraditória e o Talibã adotou a defesa convencional nas duas primeiras fases do conflito. Mesmo assim, foi observado, contraditoriamente, que o resultado esperado da interação na segunda fase deste conflito (ofensiva indireta versus defensiva direta) fugiu da expectativa do modelo teórico de Arreguin-Toft, em que a maior probabilidade de sucesso seria do ator fraco com 63,6% chances de sucesso (ver Anexo “B”) e não o sucesso do ator mais forte, conforme verificado.

Constatamos que a *abordagem estratégia ofensiva indireta* norte-americana, no período de tempo selecionado como escopo desta pesquisa, permitiu que, surpreendentemente, em apenas dezesseis dias, pouco mais de três centenas de soldados das FOpEsp desalojassem os combatentes do Talibã e da Al Qaeda de suas posições defensivas convencionais e derrubassem o regime Talibã. Essas tropas empregaram poder de fogo precisamente guiado reduzindo o efeito colateral e arrastando o resto da força em direção à menor resistência. Esta realidade permitiu classificar a campanha militar no Afeganistão como uma campanha centrada em FOpEsp e, possivelmente, tenha estabelecido a fundação de uma força capaz de enfrentar, de forma eficaz e eficiente, inimigos irregulares. Mesmo quando estiveram operando de forma regular, conforme constatamos na segunda fase do conflito selecionado para a pesquisa.

Porém, faz-se necessário ressaltar que o cenário mais provável para os norte-americanos será o de continuar enfrentando oponentes irregulares. Essa é a opção estratégica mais vantajosa para um ator fraco operando contra um ator assimetricamente mais forte. Nesse cenário provável, as FOpEsp continuarão sendo uma ferramenta muito valiosa no rol de opções militares a serem implementadas.

Finalizado o desenvolvimento da pesquisa buscaremos, no próximo capítulo, chegar às conclusões pertinentes que nos permitirão atingir o propósito da pesquisa.

4 CONCLUSÃO

O propósito selecionado para esta pesquisa foi o de responder à seguinte pergunta: o emprego das FOpEsp, na Guerra do Afeganistão, no período de 2001 a 2002, transcorreu de acordo com o modelo teórico de Arreguin-Toft, no que diz respeito aos resultados da *interação estratégica* entre as forças antagônicas? Respondendo a questão conseguimos validar a teoria para o estudo e aplicação nos dias atuais, dentro do contexto dos conflitos irregulares. E disso podemos tirar a relevância da pesquisa que, acreditamos, tenha o potencial de auxiliar no rearranjo das tarefas e capacitações das FOpEsp da Marinha do Brasil.

Para a realização desta pesquisa foi escolhido o modelo teórico das *interações estratégicas*. Este traz uma previsão probabilística coerente que explica porque a relação entre o poder dos Estados e o resultado dos conflitos irregulares não respondem à previsibilidade da vitória dos atores fortes na mesma proporção da sua vantagem de poder. Foi selecionada também a realidade histórica da Guerra do Afeganistão onde, durante uma fase específica da Operação Liberdade Duradoura, o emprego das FOpEsp confrontou as forças do Talibã e da Al Qaeda e o resultado desta interação não seguiu o previsto no modelo teórico em lide.

Para a consecução do propósito foram analisados alguns aspectos de interesse da Guerra do Afeganistão. Mais precisamente, focamos nossa atenção na segunda fase do conflito de 2001 até o ano de 2002, em que confrontamos o emprego das FOpEsp norte-americanas e a teoria de Arreguin-Toft. Assim, esta pesquisa foi construída em dois capítulos. O primeiro abordando o modelo teórico das *interações estratégicas* e a expectativa probabilística dos resultados dos conflitos irregulares e o segundo interagindo a teoria escolhida e a realidade observada em uma fase específica da Guerra do Afeganistão.

No primeiro capítulo observamos que, de acordo com a teoria, a adoção de uma *interação estratégica* apropriada torna-se o principal fator a ser observado em contraposição às expectativas criadas em torno das assimetrias de recursos entre os atores antagonistas. Assim, podemos licitamente constatar que a opção estratégica mais vantajosa para o mais fraco, perante um inimigo mais forte, é a busca pela *abordagem estratégica oposta*.

No segundo capítulo constatamos que o resultado esperado da interação, na segunda fase da Guerra do Afeganistão, (ofensiva indireta versus defensiva direta) fugiu à expectativa do modelo teórico selecionado, em que a maior probabilidade de sucesso seria do ator fraco com 63,6% chances de sucesso e não o sucesso do ator mais forte, conforme verificado. Além disto, observamos que a campanha militar norte-americana no Afeganistão consagrou o chamado “modelo afegão” de guerra e marcou o que veio a ser classificado como uma campanha centrada em Forças de Operações Especiais.

Concluindo a presente pesquisa constatamos a validade do modelo teórico apresentado e a importância dessa teoria para a aplicação nos conflitos irregulares, uma vez que os pressupostos de Arreguin-Toft, responderam de forma satisfatória as razões do sucesso dos mais fracos perante os mais fortes. Essa realidade se mostra, ao mesmo passo, intrigante e indutora de reflexões estratégicas para os Estados que se vejam envolvidos nos conflitos irregulares, esteja ele representando o lado forte ou o lado fraco.

Constatamos também que o emprego das FOpEsp norte-americanas contra um inimigo operando de forma irregular representou uma ferramenta militar de valiosa importância no rol das opções estratégicas a serem analisadas em uma guerra irregular. O emprego dessas tropas especiais reduziu, sobremaneira, a presença de tropa estrangeira em solo afegão e minimizou os efeitos colaterais dos ataques aéreos. Esses fatos mitigaram, provavelmente, uma possível mudança da opinião pública contra a ocupação americana em

favor do Talibã e da Al Qaeda evitando a balança pender a favor deles. Assim, constatamos que, possivelmente, o emprego de uma campanha centrada em FOpEsp tenha estabelecido um modelo eficaz e eficiente de enfrentar um adversário irregular, mesmo quando empregou táticas convencionais.

Nesta pesquisa, não foi possível estudar outras variáveis que complementam o estudo das razões de sucesso dos atores fracos. Para estudos futuros, sugere-se que sejam consultados trabalhos que abordem a natureza dos atores, uma vez que alguns advogam que os Estados autoritários lutam os conflitos irregulares melhor que os democráticos. Estudos que tratam do conceito da assimetria de interesse também se mostram valiosos para o entendimento global do assunto trazendo à consideração outros aspectos sobre a questão.

Por fim, a pesquisa indicou a importância do emprego das FOpEsp na guerra irregular e sugere que a MB, caso considere de interesse estar pronta para todos os espectros de atuação neste tipo de conflito, que forme e adestre as suas FOpEsp para a *Unconventional Warfare*, primordialmente na condução das operações focadas nas forças irregulares nativas. Capacitação essa que, atualmente, somente as Forças Especiais do Exército Brasileiro possuem. Além disso, o incremento na integração entre as FOpEsp do Brasil faz-se mister, principalmente nos aspectos relacionados à condução, coordenação e controle do apoio de fogo aéreo provido pelas aeronaves de ataque ao solo da MB e da Força Aérea Brasileira.

Mas talvez, tão importante quanto o que a pesquisa conclui, ou até mais, é o que ela sugere. E esta sugere que as FOpEsp proporcionam à Estrutura Militar de Defesa a flexibilidade necessária à consecução dos seus objetivos e porque constituem um instrumento discreto do Poder Nacional. Podemos considerar então as FOpEsp como um pequeno investimento, cada vez mais lucrativo, frente ao complexo ambiente irregular que o futuro sempre está a nos descortinar.

REFERÊNCIAS

- AFSAR, Major Shahid; SAMPLES, Major Chris; WOOD, Major Thomas. *The Taliban: An Organizational Analysis*. Disponível em: <<http://oai.dtic.mil/oai/oai?verb=getRecord&metadataPrefix=html&identifier=ADA485136>>. Acesso em: 30 jun. 2015.
- ANDRES, Richard B.; WILLS, Craig; GRIFFITH JR., Thomas E. *Winning with Allies: The Strategic Value of the Afghan Model*. *International Security*, Vol. 30, No. 3, Winter 2005/06.
- ARREGUÍN-TOFT, Ivan. *How the Weak Win Wars: A Theory of Asymmetric Conflict* (Cambridge Studies in International Relations), CAMBRIDGE, 2005: Cambridge University Press.
- BIDDLE, Stephen. *Special Forces and the Future of Warfare: Will SOF Predominate in 2020?* May 24, 2004. Disponível em: <http://indianstrategicknowledgeonline.com/web/special_forces.pdf>. Acesso em: 30 jun. 2015.
- _____. *Afghanistan and the Future of Warfare: Implications for Army and Defense Policy*. U.S. Army War College: Strategic Studies Institute, November 2002. Disponível em: <<http://library.uoregon.edu/ec/e-asia/read/PUB109.pdf>>. Acesso em: 30 jun. 2015.
- BRASIL. Ministério da Defesa. MD35-G-01. *Glossário das Forças Armadas*. Brasília-DF. 4ª Edição. 2007.
- FRANÇA, Júnia Lessa; VASCONCELLOS, Ana Cristina de. *Manual de Normalização de Publicações Técnico-Científicas*. 8.ed. Belo Horizonte. UFMG, 2007.
- FRIEDMAN, George. *America's Secret War: Inside the Hidden Worldwide Struggle Between America and Its Enemies*. New York: Broadway Books, 2004.
- GRAY, Colin S. *Another Bloody Century: Future Warfare*. London: Phoenix, 2006.
- JORGE, Bernardo Wahl Gonçalves de Araújo. *As Forças de Operações Especiais dos Estados Unidos e a intervenção no Afeganistão: um novo modo de guerra americano?* Dissertação (Mestrado em Relações Internacionais) – PUC-SP, São Paulo, 2009.
- KIRAS, James D. *Irregular Warfare: Terrorism and Insurgency*, Bayles, Wirtz, Gray e Cohen, Strategy in the Contemporary World, 4 ed. Oxford University Press, 2010.
- KOZARYN, Linda D. *U.S. Special Operations Forces Change "Face of War"*. American Forces Press Service, Washington, Dec. 14, 2001. Disponível em: <<http://www.defense.gov/News/NewsArticle.aspx?ID=44359>>. Acesso em: 30 jul. 2015.
- LIND, William S. *Compreendendo a guerra de quarta geração*. *Military Review*. Fort Leavenworth, Edição Brasileira, Jan-Fev. 2005.

MACK, Andrew J. R., 1975. *Why Big Nations Lose Small Wars: The Politics of Asymmetric Conflict*. World Politics, vol. 27, no 2: 175-200.

MALONEY, Sean M. *Conceptualizing the War in Afghanistan: Perceptions from the Front, 2001-2006*. Small Wars & Insurgencies, Vol. 18, No. 1, March 2007.

O'HANLON, Michael E. *A Flawed Masterpiece*. Foreign Affairs, Vol. 81, No. 3, May-June 2002.

PAPE, Robert Antony, 1996. *Bombing to Win*. Ithaca: Cornell University Press.

PINHEIRO, Álvaro de Souza Filho. *Crises e Conflitos no Sec XXI: A Evolução das Forças de Operações Especiais*. Rio de Janeiro, 2010. 34p. Não publicado.

RUMSFELD, Donald H. *"Transforming the Militaries"*. Foreign Affairs, Vol.81, May-Jun 2002.

TSE-TUNG, Mao. *On Guerrilla Warfare*, Samuel B. Griffith. New York: Praeger Publisher.

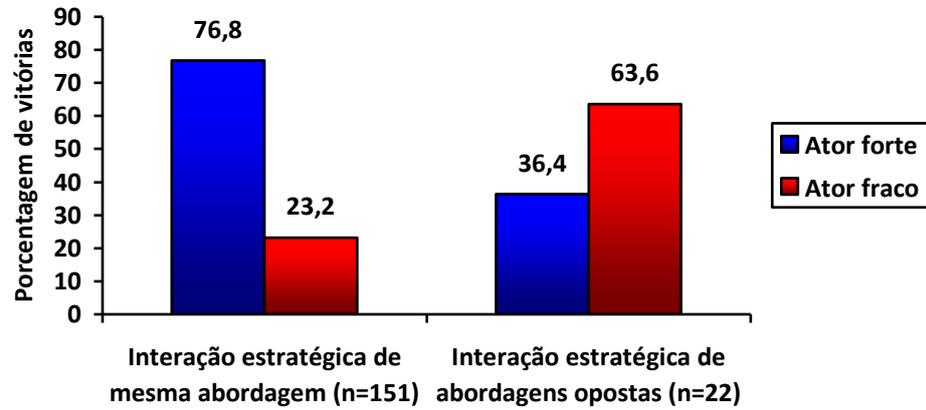
WILCOX, Greg; WILSON. G.I. *Resposta Militar à Quarta Geração de Guerra no Afeganistão*. Military Review. Fort Leavenworth, Edição Brasileira, Jan-Fev. 2004.

ANEXO A – Resultados esperados da interação estratégica nos resultados dos conflitos

		<i>Abordagem estratégica do mais fraco</i>	
		Abordagem direta	Abordagem indireta
<i>Abordagem estratégica do mais forte</i>	Abordagem direta	Ator forte tende a vencer	Ator fraco tende a vencer
	Abordagem indireta	Ator fraco tende a vencer	Ator forte tende a vencer

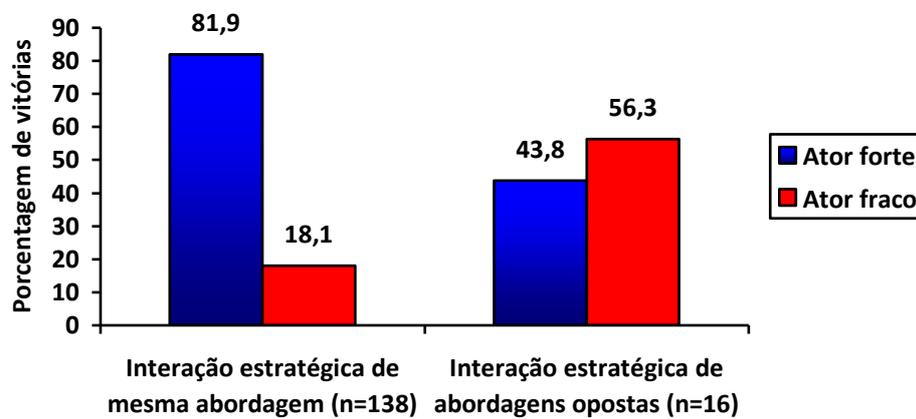
Fonte: Arreguin-Toft, 2005.

ANEXO B – Interações estratégicas e os resultados dos conflitos irregulares no período de 1800 a 2003

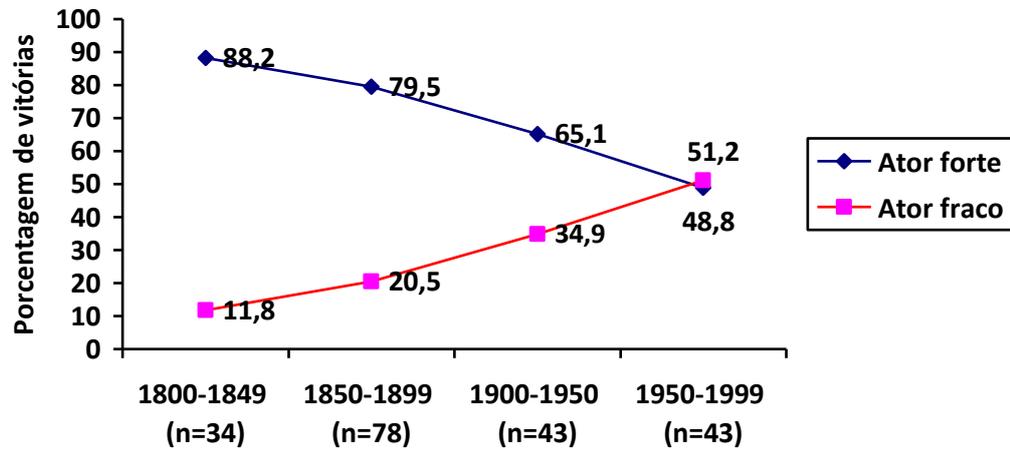


Fonte: Arreguin-Toft, 2005.

ANEXO C – Interações estratégicas e os resultados dos conflitos irregulares no período de 1800 a 2003 quando o ator fraco não recebeu suporte externo

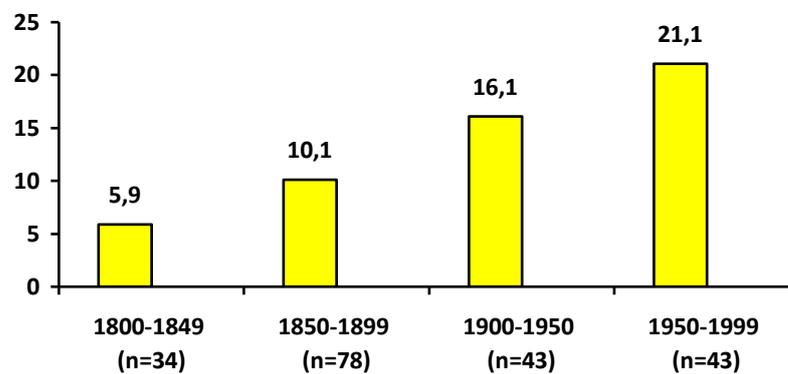


Fonte: Arreguin-Toft, 2005.

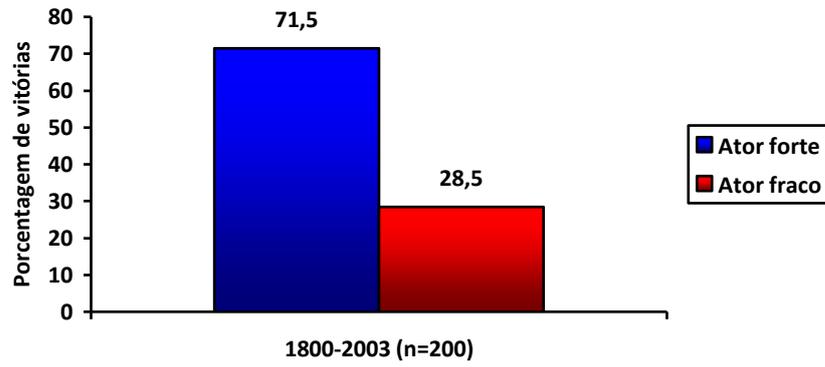
ANEXO D – Percentual de vitória nos conflitos irregulares desde o ano de 1800

Fonte: Arreguin-Toft, 2005.

ANEXO E – Evolução no percentual de emprego da *estratégia de abordagens opostas* desde o ano de 1800



Fonte: Arreguin-Toft, 2005.

ANEXO F – Vitórias nos conflitos irregulares por tipo de ator, entre 1800 a 2003

Fonte: Arreguin-Toft, 2005.

ANEXO G – As Fases da guerra irregular na Guerra do Afeganistão de 2001 até março de 2002

Fase	Características	Período	Resultado
I	Ataques aéreos contra alvos levantados por inteligência afegã.	7-20 Out 01	Ineficaz para desalojar o Talibã. Os terroristas mantiveram a iniciativa.
II	FOPesp e a CIA no terreno para assessorar, coordenar o apoio aéreo aproximado, coletar dados e efetuar reconhecimento.	21 Out – 15 Dez 01	Muito eficazes em forçar o Talibã e a Al Qaeda para as montanhas. EUA e Aliados ganharam a iniciativa. Rapidamente limpavam o país.
III	Al Qaeda localizada em posições fortificadas nas montanhas Tora Bora.	16 Jan – 18 Mar 02	Al Qaeda intimidou as Forças Aliadas, as quais “regressaram para casa” depois de haver declarado a vitória. Al Qaeda tomou a iniciativa dos Aliados.
IV	Forças convencionais dos EUA empregadas para desalojar a Al Qaeda das cavernas de Shah-i-Kot (Operação Anaconda).	15 Dez – 15 Jan 02	Ineficaz. Muito similar à guerra Soviético-Afegã. A Al Qaeda arrebatou a iniciativa e escapou.

Fonte: WILCOX; WILSON, 2002.

ILUSTRAÇÕES



FIGURA 1 – Elementos das FOpEsp utilizando os mesmos meios de locomoção dos combatentes da Aliança do Norte

Fonte: www.talkingproud.us/Military/Military/TaskForceKBar_files/taskforcedaggerhorses.jpg. Acesso em: 27 jul. 2015.



FIGURA 2 - Localização das montanhas de Tora Bora e as áreas de controle da Aliança do Norte e Talibã

Fonte: www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/images/mapa-afeganistao_270x180.gif. Acesso 27 jul. 2015. Acesso em: 27 jul. 2015.

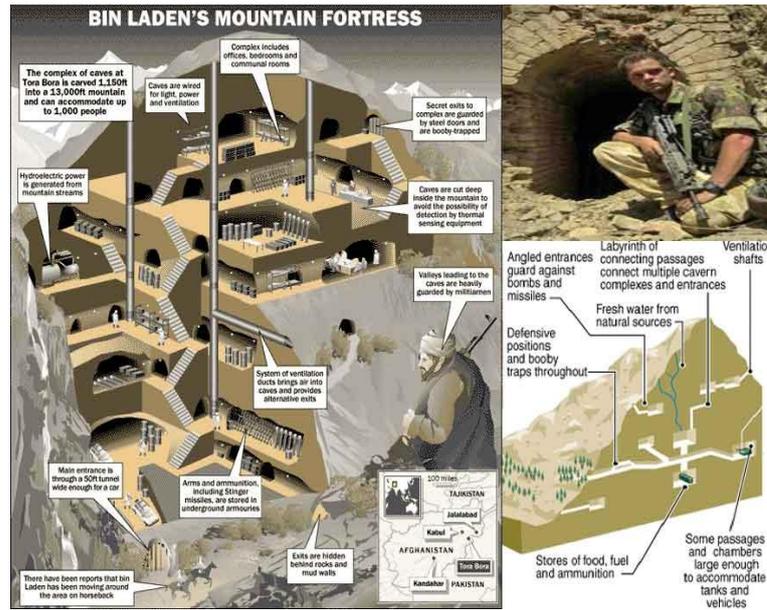


FIGURA 3 – Complexo de cavernas nas montanhas de Tora Bora utilizadas pelo Talibã e Al Qaeda

Fonte: truthseekers.cultureunplugged.com/.a/6a011279022a6e28a4017ee83b86d8970d-pi. Acesso em: 27 jul. 2015.



FIGURA 4 – Elementos das FOpEsp guiando o apoio de fogo aéreo sobre as posições talibãs

Fonte: www.americanspecialops.com/images/operations/sof-afghanistan/sof-airstrike.jpg. Acesso em: 27 jul. 2015.